

(transcrição)

Roma, 12 de abril de 1984

Catequese de Chiara Lubich para o Jubileu dos jovens:

A alegria

Caríssimos jovens, nestes poucos minutos em que estaremos juntos, cabe a nós falar sobre a alegria.

(...)

Hoje em dia, muitas vezes, os cristãos não se distinguem tanto das outras pessoas por terem uma alegria particular. Em geral, visitar uma cidade onde a maioria dos habitantes são cristãos não é muito diferente de visitar outra, habitada por pessoas de outras religiões ou sem um referencial religioso.

Porém, nos primeiros tempos do cristianismo não era assim. Os cristãos tinham sido de tal modo fascinados por tudo o que tinha acabado de acontecer, viam com uma tal evidência que as promessas do Antigo Testamento sobre a salvação e a restauração do homem se tinham realizado em Cristo, estavam tão convencidos de que Ele trouxe o remédio para tudo e a solução para todos os problemas que exaltavam de alegria. "Partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria (...), louvando a Deus (...)" (At 2,46-47). (...)

Se o israelita elevava hinos a Javé pela Lei, que Deus lhe comunicou através de Moisés, pois passara a saber como caminhar na vida; que hinos deviam elevar ao céu os primeiros cristãos, que, tendo recebido a Lei própria do Céu, trazida para a terra por Cristo, isto é, o amor, tinham descoberto nela, ao colocá-la em prática, uma verdadeira fonte de alegria!

Sim, queridos jovens, era isso que os primeiros cristãos tinham encontrado: uma fonte de alegria. E a tinham encontrado no amor. (Aplausos)

Sem dúvida, eles eram felizes, porque Deus habitava neles, porque se tinham tornado templo de Deus, tinham constatado a potência de Deus. Mas a alegria deles não era somente uma alegria motivada por circunstâncias externas, ainda que sublimes e divinas. A alegria que experimentavam era também um dom, que tinham sentido despontar no coração quando começaram a amar.

Amar o irmão era tudo para os cristãos. E isso era muito evidente para eles. Era como se ecoassem ainda as palavras com que Jesus descreve o grande cenário do juízo final, quando todos nós, um por um, seremos submetidos ao exame sobre a nossa vida, que não é nada mais do que um exame sobre o amor, lembram-se? "Tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber..."?

Para eles, era muito atual a carta de São Paulo, onde ensina como se faz para amar, onde conta a sua experiência pessoal: "Com os fracos, fiz-me fraco... Fiz-me tudo a todos..." (1 Cor 9,22). Por isso, faziam-se "um" com todos os próximos que encontravam, partilhavam os seus problemas, participavam das suas dores e alegrias, faziam próprios os seus sentimentos. Isto é, viviam pelos outros, viviam em

função dos outros. Poderíamos dizer que o lema de suas vidas era: "viver o outro", "viver os outros" e não para si mesmos. Compreende-se como eles, neste amor, encontravam também a possibilidade de viver a renúncia do próprio "eu", pedida pelo Evangelho ("renega-te a ti mesmo"), porque "vivendo os outros", já não viviam para si mesmos. Estavam mortos a si mesmos, porque vivos ao amor. Eram completamente amor e estavam diante de Deus, que é Amor, como pequenos sóis diante do Sol; diante da Felicidade Infinita e como? Como felicidade, como alegria. Estes eram os primeiros cristãos (Aplausos). E amavam assim amigos e inimigos. E amavam-se reciprocamente.

Amavam-se reciprocamente. Amavam-se uns aos outros. Na verdade o que é que os distinguia dos outros homens? Eram os grandes feitos, as obras grandiosas, os estudos profundos, a eloquência apurada? Os milagres? Os êxtases, que também não faltavam? Não, não, não. Aquilo que os distinguia era o amor recíproco. "Vejam como se amam - dizia-se deles -, estão prontos a morrer um pelo outro" (Tertuliano, "Apologético", 39,7).

Amavam-se e realizavam a unidade; a unidade para a qual Jesus prometeu a plenitude da alegria. (Aplausos)

A alegria dos primeiros cristãos - como de resto a alegria dos cristãos de todos os tempos e séculos, quando o cristianismo é compreendido na sua essência e vivido com a sua radicalidade - a alegria dos primeiros cristãos era uma alegria verdadeiramente nova, jamais experimentada. Não tinha nada a ver com a hilaridade, com a alegria normal, com o bom humor.

Ou, como diria Paulo VI, não tinha nada a ver com "a alegria exaltante da vida e da existência", com "a alegria portadora de paz da natureza, com a alegria do silêncio", nem era aquela alegria ou satisfação que se tem depois de um trabalho realizado, nem somente "a alegria transparente da pureza", nem a "alegria do amor, mesmo puro, casto". Não era essa. São alegrias belas... Mas a alegria dos primeiros cristãos era diferente. Era uma alegria semelhante àquela enlevação, que invadiu os discípulos quando receberam o Espírito Santo (aplausos). Era, era... era a alegria de Jesus, a alegria de Jesus. Porque Jesus tem a sua paz e também a sua alegria.

E a alegria dos primeiros cristãos, que jorrava espontânea do profundo do próprio ser, saciava-os completamente. Eles tinham encontrado realmente aquilo que o homem de ontem, de hoje e de sempre precisa e que procura. Tinham encontrado Deus, a comunhão com Deus e esta os saciava completamente e os levava à plena realização. Eram homens.

De fato, o amor, a caridade com a qual Cristo através do Batismo e dos outros sacramentos enriquece o cristão, pode ser comparada a uma pequena planta. Quanto mais cresce a raiz (à medida que se ama o próximo), mais veloz cresce a planta, o caule. Isto é, quanto mais se ama o próximo, o coração cada vez mais fica invadido pelo amor de Deus. Contudo, não é um amor, uma comunhão com Deus em que se acredita pela fé, mas é uma comunhão que se experimenta. E isso é felicidade; esta é a felicidade, amamos e nos sentimos amados. Assim era a alegria dos primeiros cristãos... (aplausos).

Era esta a felicidade dos primeiros cristãos, adultos ou jovens como vocês, que se exprimia em liturgias maravilhosas, festivas, com muitos hinos de louvor e de ação de graças.

Alegria que crescia no coração também por outro fator: porque, com o amor, possuíam a luz, a luz; isto é, eles viam, tinham uma certa compreensão das coisas de Deus, que por si só eram impenetráveis (cf 1 Cor 10,16).

Os mistérios, embora os aceitassem pela fé, já não eram assim tão obscuros como se poderia pensar. Eles tinham uma certa penetração desses mistérios e era tão especial, tão luminosa, que tinham a impressão de compreendê-los, de possuí-los. E isso aumentava ainda mais a alegria deles: à alegria do amor, acrescentava-se a alegria da verdade.

Assim armados somente de amor e de luz e revestidos de alegria, conquistaram em pouco tempo o mundo conhecido naquela época. Dizia Tertuliano: "Somos de ontem e já invadimos o mundo..." (Apologético 37,7).

A alegria, a alegria e os primeiros cristãos. A alegria e os verdadeiros, autênticos cristãos. A alegria e os jovens cristãos (Aplausos).

(...)

São típicos os jovens pertencentes aos novos Movimentos, nascidos nas últimas décadas, pois, imitando os primeiros cristãos nos nossos dias, com uma chave moderna, em formas diferentes mas baseadas no amor, na comunhão (sem os quais não há cristianismo), estão desencadeando a revolução cristã, tendo em vista a fraternidade universal (Aplausos). Eles, que constituem uma das melhores forças e esperanças atuais da Igreja, sabem, tal como os seus irmãos, os primeiros cristãos, sabem o que é a alegria, a verdadeira alegria de Jesus, que transmitem a todos aqueles que encontram.

Sabem o que é a alegria, por quê? Porque a experimentaram, amando. Sabem o que é a alegria, porque descobriram uma outra fonte da alegria tal como aconteceu aos primeiros cristãos, que se alegravam até mesmo em meio às perseguições e cantavam durante o martírio.

Compreenderam um paradoxo do cristianismo, isto é, que a alegria, a alegria sobrenatural de Jesus se pode encontrar exatamente onde parece que não exista, ou seja, na dor, mas na dor amada.

É verdade que, às vezes, certos estados psicofísicos ou certas provações espirituais podem impedir a alegria, pelo menos exteriorizada, como para Jesus na cruz. Mas, em geral, esses cristãos, como todos aqueles que abraçam a própria cruz, compreenderam e experimentaram que, tal como a poda de uma árvore precede um rebento de vida, como a chaga do enxerto anuncia novos frutos, assim também a dor amada, por Cristo, é fonte de extraordinária alegria. (Aplausos)

A alegria do cristão é como um raio de sol que brilha de uma lágrima; é como uma rosa desabrochada de uma poça de sangue; é essência de amor destilada pela dor. Por isso, é uma alegria sem par e possui uma potência apostólica (pois penetra em todos), como uma fração de Paraíso. (...)